

CRENÇAS DE ALUNOS DE INGLÊS SOBRE ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Aurélia Leal Lima Lyrio¹

RESUMO: Este trabalho relata uma pesquisa desenvolvida com 25 alunos em um curso de línguas. Por meio de um questionário, a pesquisa investigou as crenças desses alunos em relação à utilização de algumas estratégias e atividades pedagógicas extras, que não são contempladas no livro-texto e não são comumente usadas por professores. Tais estratégias foram inseridas nas atividades do livro-texto e aplicadas durante o desenvolvimento de outra pesquisa que visou à aprendizagem de algumas funções dos marcadores pragmáticos *you know* e *I mean* por parte desses alunos (LYRIO, 2009). Os resultados mostram que a grande maioria dos aprendizes achou as estratégias positivas e, principalmente, produtoras para o desenvolvimento de suas habilidades orais. Alguns alunos, entretanto, acreditam que tais estratégias prejudicam as aulas e, conseqüentemente, a aprendizagem de gramática, o que demonstra que, para alguns, ainda prevalece a crença de que aprender uma língua significa aprender gramática. Como as crenças influenciam as decisões e ações das pessoas (PAJARES, 1996), tal fato nos faz refletir sobre a necessidade de conscientização dos alunos a respeito do que significa aprender uma língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças. Estratégias e Atividades Pedagógicas. Ensino e Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira (ILE).

ABSTRACT: This work describes a research which was developed with 25 students from a language course. Through the use of a questionnaire, the research investigated these students' beliefs regarding the use of some extra pedagogical strategies and activities which are not present in their textbook, and which are not usually used by teachers. Such strategies were inserted in the activities of the textbook and applied during the development of another research which aimed at these students' learning of some functions of the pragmatic markers *you know* and *I mean* (LYRIO, 2009). The results show that most students thought the strategies were positive and, especially productive for the development of their oral abilities. Some students however, believe that such strategies damage classes and, consequently, the learning of grammar, which shows that, the belief that to learn a language means to learn grammar, still prevails for some people. Since, beliefs influence people's decisions and actions (PAJARES, 1996), this fact makes us reflect about the necessity to make students aware of what it means to learn a foreign language.

KEY WORDS: Beliefs. Strategies and Pedagogical Activities. Teaching and Learning English as a Foreign Language. (EFL)

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. Departamento de Línguas e Letras. E-mail: aureliallyrio.al@gmail.com.

Introdução

Nossas crenças e expectativas influenciam a forma como vemos e encaramos as diversas situações, deturpando o verdadeiro significado dessas situações e, conseqüentemente, levando-nos a frustrações quando não condizem com a realidade. No âmbito de ensino e de aprendizagem, no nosso caso, aprendizagem de língua estrangeira, essa visão deturpada causada pelas crenças pode levar a dificuldades de aprendizagem e, dessa forma, contribuir para o seu insucesso. Nessa área, principalmente, há muitas crenças como, por exemplo, em relação à melhor idade para se aprender uma língua e para se adquirir uma pronúncia perfeita, em relação ao fato de que só se aprende uma língua estrangeira no país alvo, entre muitas outras. Além de nos preocuparmos com a abordagem de ensino e as técnicas que devem ser utilizadas em sala de aula para assegurarmos que nossos alunos tenham uma aprendizagem eficaz, cabe também a nós, professores de línguas, desconstruir mitos e crenças que possam influenciar as decisões e ações dessas pessoas (PAJARES, 1996) de forma negativa, uma vez que essas podem causar desmotivação e levar a um *déficit* na sua aprendizagem. Pajares (2002) menciona que “as crenças (chame-as de cognição se preferir) que os indivíduos criam, desenvolvem e mantêm como verdadeiras sobre si mesmos formam a base da representação humana e são forças vitais no seu sucesso ou falha em todos os esforços (escola)”².

Acredito que o conhecimento das crenças dos alunos pode direcionar o professor para uma melhor maneira de lidar com o processo pedagógico, a fim de superar possíveis problemas. Horwitz (1988, p. 283) explica que, “se as crenças sobre aprendizagem de línguas de um modo geral prevalecem na cultura, os professores de língua estrangeira devem considerar que os alunos vão trazer essas crenças para a sala de aula”³. Matsumoto (1996) e também Horwitz (1988) mencionam os ganhos oriundos da investigação das crenças dos alunos.

Foi partindo dessa premissa que resolvemos investigar as opiniões de um grupo de alunos sobre intervenções feitas nas aulas de inglês de uma instituição, intervenções essas que consistiram na aplicação de estratégias de ensino extras durante o desenvolvimento de uma pesquisa anterior. Por meio dessas opiniões, pudemos detectar, até certo ponto, as crenças

² [...] *the beliefs (call them cognitions, if you like) that individuals create and develop and hold to be true about themselves form the very foundation of human agency and are vital forces in their success or failure in all endeavors (school).*

³ *If beliefs about language learning are prevalent in the culture at large, then foreign language teachers must consider that students bring these beliefs with them into the classroom.*

desses alunos sobre estratégias e atividades pedagógicas que vão além do livro-texto. Nosso objetivo maior, além dos acima mencionados, consiste em que, a partir desse conhecimento, possamos prepará-los para melhor aceitarem as intervenções que porventura sejam necessárias sem fazerem julgamentos indevidos que possam prejudicá-los, e também levá-los a refletir sobre os possíveis benefícios dessas intervenções.

Um pouco de história

A literatura sobre crenças em aprendizagem de línguas é vasta, tendo tido início na década de 80 no exterior e na década de 90 no Brasil, de acordo com Barcelos (2004). São inúmeros os trabalhos que investigam crenças de alunos e de professores sobre vários temas em geral, assim como sobre diferentes temas na aprendizagem e ensino de línguas. No exterior, destacam-se na aprendizagem de línguas os trabalhos sobre crenças de Horwitz (1985, 1987, 1988), Abraham & Vann (1987); Pajares (1992, 1996, 2002), Kalaja (1995); Miller & Ginsberg, 1995); Wenden (1986, 1987); Larsen - Freeman, (1998); Allen (1996); Young (1991); Ellis (1994); Peacock (2001); Riley (1994) entre outros. No Brasil, podemos citar Barcelos (1995); Almeida-Filho (1993); Leffa (1991); Vieira-Abrahão (2004); Garbuio (2005, 2006) entre outros.

Cumpramos ressaltar que há uma diversidade de termos para crenças, principalmente porque o conceito não pertence à Linguística Aplicada, mas está presente em outras áreas, i.e., na psicologia, na sociologia, na antropologia e na filosofia. Podemos destacar: *Cultura de aprender línguas* (ALMEIDA FILHO, 1993; BARCELOS, 1995); *Cultura de aprendizagem* (RILEY, 1997); *Representações* (RILEY, 1994); *Representações de aprendizagens* (HOLEC, 1987); *Conhecimento metacognitivo* (WENDEN, 1986a); *Filosofia de aprendizagem de línguas dos aprendizes* (ABRAHAM e VANN, 1987), entre outros.

Barcelos (2004) explica que essa variedade de termos para crenças “torna esse conceito um conceito difícil de se investigar” (BARCELOS, 2004, p. 129). Além do mais, um outro problema, segundo a autora, diz respeito ao fato de termos mais pesquisas que se focam nas crenças dos aspectos gerais da aprendizagem em detrimento de pesquisas que investiguem aspectos mais específicos. Foi também com base nessa lacuna que resolvemos desenvolver essa pesquisa que investigou as crenças de alunos em relação a um aspecto bem específico da aprendizagem de línguas, ou seja as crenças de alunos de inglês sobre estratégias e atividades pedagógicas.

Contextualizando: a pesquisa anterior

Conforme mencionado acima, esse estudo deriva de um outro trabalho. Trata-se de uma pesquisa de doutorado em que se verificou o uso de algumas funções dos marcadores pragmáticos *you know* e *I mean* no discurso de aprendizes brasileiros de inglês. Ela se baseou no fato comprovado por diversas pesquisas de que aprendizes em nível avançado de língua inglesa não sabem usar marcadores pragmáticos adequadamente, ou até mesmo não os utilizam em nenhum momento. Como os marcadores pragmáticos desempenham um papel preponderante nas interações orais, atuando, muitas vezes, no trabalho de face⁴, esses aprendizes são, nessas situações, julgados rudes, com um discurso que, na maioria das vezes, soa não natural, estranho, inadequado, desarticulado, dogmático, antipático e, principalmente, grosseiro, como mencionado. Por tais razões, resolvemos investigar o uso de algumas funções dos marcadores pragmáticos acima mencionados no discurso de 25 aprendizes de inglês de nível avançado de um curso de idiomas, para, posteriormente, instruí-los no uso dessas funções. Para tal, esses aprendizes foram submetidos a um pré-teste, que consistiu de conversas em pares, com falantes nativos de língua inglesa, as quais foram gravadas, transcritas e analisadas. Após a análise dessas conversas e a verificação de que esses alunos não usavam esses marcadores ou usavam-nos apenas na função literal, procedeu-se à intervenção, ou seja, à instrução de algumas funções específicas de polidez linguística, positiva e negativa desses marcadores, por meio de algumas estratégias de ensino da abordagem denominada Foco na Forma (FonF)⁵.

O ensino das funções dos marcadores pragmáticos envolveu algumas extensões pedagógicas, i.e., a inserção desses marcadores com funções específicas nas atividades já existentes no livro-texto, ou seja, a utilização de práticas pedagógicas não comumente utilizadas pelos professores, bem como gravações em vídeo de interações entre esses alunos, o que culminou em uma carga extra de trabalho. Nesse sentido, consideramos importante averiguar as opiniões dos alunos sobre essas inserções e extensões pedagógicas que vão além

⁴ Vide Brown e Levinson, 1987.

⁵ Para um relato completo dessa pesquisa, vide LYRIO, A. L. L. *A aprendizagem de marcadores pragmáticos: a eficácia da instrução com foco na forma*. Tese de Doutorado. Niterói, UFF, 2009.

do comumente esperado por eles, enfim, suas crenças a respeito do processo pedagógico. Esse conhecimento poderá nos ajudar em ações pedagógicas diárias, bem como em pesquisas futuras.

A pesquisa atual-Metodologia

Essa pesquisa foi desenvolvida com todos os 25 alunos que participaram da pesquisa acima descrita, logo após o seu término.

Para tal, aplicamos um questionário com apenas 4 perguntas, que foi suficiente para levantar os dados necessários. Apesar de as perguntas terem sido formuladas em inglês, foi dito aos alunos que poderiam respondê-las em português, para que não corrésemos o risco de eles não saberem se expressar e, assim, não passarem, de forma clara, o que realmente pensavam. Mesmo assim, alguns responderam em inglês. Cumpre ressaltar que transcrevemos as respostas exatamente como elas foram dadas, o que explica os erros presentes. Como essa pesquisa derivou de outra, conforme explicado, já nos encontrávamos no final do semestre letivo por ocasião da aplicação do questionário. Por essa razão, não houve tempo hábil para que o questionário fosse pilotado anteriormente, como sugere Burns (1998, *apud* Abrahão (2010)).

Uma vez que desejamos fazer um levantamento claro e preciso das crenças e opiniões dos sujeitos envolvidos na pesquisa, as perguntas foram abertas, pois elas nos fornecem “respostas mais ricas e detalhadas” (ABRAHÃO, 2010, p. 222). Em nenhum momento, perguntamos, explicitamente, aos alunos quais as suas crenças em relação às estratégias de ensino e atividades dadas em sala de aula. Suas respostas já deixam claras suas percepções.

Os resultados são apresentados nos quadros e explicações a seguir.

Resultados

Quadro 1: Pergunta 1 e respectivas respostas

Pergunta 1: What do you think of the teaching strategies used in your classes during the period of this research? Think about all the procedures that you consider different from the ordinary, including the videotaping, and mention the advantages and disadvantages of each for the students.

A1 1: Eu gostei muito principalmente do videotape, por que pude ver o meu desempenho e fazer correções.

Al 2: It's nice. Try to make we speak.

St 3: Acho que a pesquisa poderia ter sido diferente, melhor planejada. Todo o nosso período foi voltado para esse trabalho.

St 4: Eu acho que o programa ajudou, mas acabamos perdendo aulas.

St 5: Eu achei ... que haveria uma maneira melhor de fazer, como trazer os americanos para a sala, todos conversarem, pois um a um fica mais difícil a comunicação. Acho também que atrapalhou um pouco.

St 6: A estratégia usada poderia ter sido melhor, poderíamos ter tido um maior entrosamento entre brasileiros e estrangeiros para ficarmos mais à vontade com eles.

St 7: Eu acho que poderiam ter preparado melhor a gente. Ter interagido antes os estudantes com os estrangeiros foi bom para podermos aprender mais e conversar com os nativos, mas atrapalhou o período de inglês e as aulas.

St 8: I liked to talk to native speakers because it's a nice way for us to learn English. It was a very good strategy but some people that are shy had problems with it. Although it was very good.

St 9: I didn't like very well. I didn't like the videotaping but the conversation was good.

St 10: Um pouco cansativo.

St 11: It couldn't be better. Talking a lot developed our skills very much and the contact with the native speakers helped a lot, because we could test our understanding of the language.

St 12: I think the strategies are very good to us because is a opportunity that we have. Mas foi cansativo.

St 13: I didn't like to be filmed. I got embarrassed.

St 14: I think is good. The advantages is you learned more about to culture. But something is very boring.

St 15: I think it was good because it help us to learn more about how the native speakers use to speak.

St 16: I don't like because in my opinion this strategies disturbed the class.

St 17: I think the conversations with native people was nice and interesting, and it helped me to see that I need to practice my English.

St 18: I like. It's really nice to have something new every class.

St 19: Foi muito bom. Os vídeos e as músicas são excelentes meios de aprendizagem, pois proporcionam maior interesse pela língua se ficar monótono.

St 20: Eu gostei. Achei interessante. A vantagem é que a gente se sente "obrigado" a falar o inglês. Se fosse em outras situações (aula normal de inglês) muitas pessoas por serem tímidas não praticam o inglês. Já na

situação de conversa com um americano, não tem como não falar o inglês. E a desvantagem é que nos sentimos inibidos de conversarmos com quem não conhecemos, e o medo de falar errado.

St 21: O recurso de videotape não me incomodou em nenhum momento. Foi interessante encenar uma situação, tendo de improvisar no uso da língua inglesa. Por outro lado, o uso das transparências mostrou-se cansativa, pouco acrescentando à dinâmica da aula.

St 22: The strategies were efficient. Videotaping offered opportunity for discuss and improve the understanding about the theme. There is no disadvantages in applying this learning source.

St 23: I didn't like of the strategies because the videotaping do the students shy. The conversation was important but could be in another hour.

St 24: O intercâmbio entre alunos de diferentes nacionalidades permite que seja exercitado o inglês, além de conhecer os costumes de outras partes do mundo.

St 25: Considero que a proposta de conversação foi boa. Porém deveria ter um foco mais centrado nas conversas com os americanos, porque fiquei meio sem assunto para conversar. Os vídeos que gravamos foi uma atividade muito descontraída, mas difícil de preparar devido aos temas.

Quando analisamos as respostas à pergunta 1, *What do you think of the strategies used in your classes during the period of this research? Think about all the procedures that you consider different from the ordinary, including the videotaping, and mention the advantages and disadvantages of each for the students*, verificamos que, de 25 alunos, 6 consideraram que as atividades extras atrapalharam as aulas. Tais atividades tiveram como objetivo não apenas promover a aprendizagem das funções dos marcadores mencionados, mas também o desenvolvimento das habilidades orais, já que deram oportunidades extras de interação, assim como os testes envolvidos no processo. No entanto, esses 6 alunos não conseguiram ver a rica oportunidade que lhes estava sendo dada. Seu construto de crenças formulado em cima de uma aula tradicional com apenas as atividades do livro didático, sem variações, privou-os de apreciar e desfrutar de oportunidades extras para o desenvolvimento de sua competência comunicativa. Além desses 6, 3 outros alunos consideraram as atividades cansativas, e um outro achou que, apesar de as conversas terem sido importantes, poderiam ter sido em outro momento. Podemos nos perguntar que outro momento seria esse, se não o da aula. Essa posição deixa claro que o autor da resposta não acha certa a inclusão de atividades extras nas lições, mesmo que sejam para o seu próprio desenvolvimento. Talvez tivesse sido necessário termos uma entrevista com esses alunos a fim de elucidarmos melhor questões como essa.

Quadro 2: Pergunta 2 e respectivas respostas

Question 2: Do you think these strategies helped you improve your speaking skills? How?

St 1: Ajudou muito, especialmente o desempenho oral.

St 2: Yes. Increase your vocabulary.

St 3: Sim. Escrevíamos mais diálogos e as conversas com os estrangeiros eram interessantes.

St 4: Eu acho que fez diferença, mas conversamos muito pouco com os estrangeiros.

St 5: Sim, pois é uma boa oportunidade para treinar o inglês...

St 6: Sim, me ajudou a falar melhor. A oportunidade de conversar com estrangeiros foi ótima.

St 7: Ajudou a melhorar a fala do inglês, mas, por outro lado, atrapalhou as aulas e, assim, piorou minha gramática.

St 8: Yes, now I know better how to speak some words and I improved my vocabulary.

St 9: Yes, we learned the vocabulary and pronunciation

St 10: Um pouco.

St 11: Yes, training is the best way of improving.

St 12: Mais ou menos. Nós aprendemos algumas coisas com os nativos.

St 13: Yes, because when you speak and listen English at the same time.

St 14: Yes, I learned more about other cultures.

St 15: Yes, it helped us to learn the natural speaking.

St 16: Yes. Com certeza

St 17: Yes.

St 18: Yes, listening music or watching movies, we are learning how the Americans speak new expressions.

St 19: Sim, porque observamos melhor a pronúncia.

St 20: Sim, porque temos de dar um jeito de falar! A pessoa que está conversando com a gente tem que conseguir entender o que queremos falar.

St 21: Com certeza, o contato com estrangeiros foi importante para avaliar o nível do meu aprendizado, visto que não dá para se esconder ou fugir de uma conversa. É preciso pôr em prática o que foi aprendido.

St 22: Yes, all strategies that were applied during classes helped me improve practical conversation.

St 23: No, I didn't.

St 24: Sim, improvisar força o vocabulário e faz com que seja necessário utilizar recursos que não usamos em português.

St 25: Acho que a estratégia ajudou no meu aprendizado uma vez que com mais contato com o idioma inglês tenho chance de tentar aprimorar meu vocabulário e meu conhecimento sobre a língua.

Em relação à pergunta 2, i.e., *se eles acham que as estratégias utilizadas os ajudaram a melhorar as habilidades orais*, vemos, pelo quadro acima, que todos os alunos responderam positivamente. Um deles, no entanto (aluno 7), embora tenha visto ganhos nas estratégias utilizadas, também achou que elas atrapalharam as aulas e, conseqüentemente, sua gramática. Tivemos um acordo quase unânime. No entanto, embora tal posição tenha partido de apenas um aluno num universo de 25 é necessário que em tais casos ações sejam implementadas no sentido de entendermos melhor as crenças dos alunos e conscientizá-los para que não haja perdas na aprendizagem.

Quadro 3: Pergunta 3 e respectivas respostas

Question 3: Mention the procedures that you enjoyed the best, and those that you enjoyed the least, explaining why.

St 1: Eu gostei mais da gravação da conversa com os nativos, pois eu não pensei que pudesse dialogar e ainda ser gravado.

St 2: The talking, because we met new people and increase your vocabulary.

St 3: Preferi as filmagens. Com relação às conversas, eram interessantes.

St 4: As filmagens ajudaram mais porque nós vimos nós mesmos, podendo corrigir os erros.

St 5: Achei melhor a filmagem e pior a conversa com os nativos...

St 6: Conversar com os estrangeiros foi melhor. Conversar com eles me ajudou muito.

St 7: O melhor procedimento eu acho que foi a conversa, pois ajudou a me soltar um pouco mais.

St 8: The tapes that were used in the conversations were more effective than the video that was recorded (our presentations).

St 9: I enjoyed the best the conversation and the least the recording.

St 10: Conversar com os nativos.

St 11: I like a lot the talks we had with the natives speakers although the “Big Brothers” were kind of exhausting.

St 12: I think that talked to natives is the best procedure.

St 13: I enjoyed to talk to American natives, it helped a lot to improve.

St 14: I like to watch my conversations. I don't like the class in I learned.

St 7(15): The conversation with the native speakers was pretty good. And the videotaping classes I didn't like.

St 8 (16): The best = movies because it's more natural to learn.

St 9(17): The best = conversation with native people (interesting)

The least= This questionnaire (boring).

St 1(18): Best = movies and conversations

Least = The stereo should be fixed. We had some problems with it.

St 2(19): Os filmes e músicas são os melhores. Os *tapes* dos cursos são os piores. A compreensão não é boa.

St 3(20): Eu gostei do filme que fizemos e das conversas. Havia dia em que eu não queria falar inglês... mas eu tinha que me esforçar.

St 4(21): Sem dúvida, a conversação com os estrangeiros foi o que me acrescentou mais. Pude perceber que mesmo aos trancos e barrancos, algumas vezes, consegui ser compreendido. Em contrapartida, em alguns casos, essa mesma conversação foi inócua, quando alguns dos estrangeiros com os quais tive de conversar se mostraram pouco à vontade.

St 5(22): videotaping, discussion in group were very important on the learning process.

St 6(23): The conversation was enjoy and the videotaping I didn't like.

St 7(24): Conversar com pessoas de outros lugares foi interessante, mas apresentar atividades através de câmeras e gravadores atrapalha o desempenho do aluno em relação à atividade comum.

St 8(25): Eu gostei de ambos os processos, mas é difícil elaborar o texto para falar no vídeo.

Como podemos ver, pelo quadro acima, todos os alunos apreciaram as estratégias de ensino e atividades extras que tiveram. A grande maioria, 17 alunos, gostou, principalmente, das conversas com os falantes de língua inglesa.

Quadro 4: Pergunta 4 e respectivas respostas

Question 4: Finally make any suggestions you might have regarding the procedures used during the research.

St 1: -----

St 2: I don't have any suggestions.

St 3:-----

St 4: Não tenho sugestões.

St 5:

St 6:

St 7: Acho que deveria preparar melhor os alunos e não atrapalhar tanto a aula.

St 8: I don't have any in mind but I believe that the tape is the best method.

St 9: The conversation with the North American people.

St 10: Repeat less times the procedures

St 11: Repeat less times the procedures.

St 12: I have no idea.

St 13: I think that videotaping is very embarrassing, so I think it could be less used.

St 14: I don't know. For me everything was good

St 7(15): I have no suggestions, in general it was good.

St 8 (16): I think these strategies is most boring.

St 9(17): More conversations

St 1(18): -----

St 2(19): Eu gostei das entrevistas e entrevistadores. Não tenho melhores sugestões.

St 3(20): Talvez colocar mais pessoas para conversar ao mesmo tempo. Só a gente e o americano faz com que fiquemos inibidos.

St 4(21): Uma sugestão que deixaria seria para modificar a forma de abordagem dos voluntários, visto que, por vezes, prejudicava o andamento das aulas – algo que deve ser tratado sempre como prioridade.

Al 22-

St 6(23): I don't have suggestions.

St 7(24): Os diálogos deveriam ser em grupos maiores para melhor desenvolvimento da conversação.

St 8(25): -----

Observamos que metade dos alunos não tem sugestões sobre os procedimentos utilizados nas aulas durante o período da pesquisa. Pelas suas observações, a maioria aprovou o que foi feito, embora ainda dois alunos acreditem que os procedimentos prejudicam o andamento das aulas. Um deles menciona que as atividades não devem *atrapalhar tanto a aula*, e o outro, que ela *é algo que deve ser tratado sempre como prioridade*. Tais afirmações comprovam suas crenças de que a aula deve sempre seguir o mesmo padrão, ou seja, um padrão rígido que não condiz com a época dinâmica em que vivemos.

Para maior detalhamento dos dados, efetuamos uma análise horizontal, comparando entre si as respostas do mesmo aluno, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 5: Questionário completo com as respectivas respostas

	1: What do you think of the strategies used in your classes during the period of this research? Think about all the procedures that you consider different from the ordinary, including the videotaping, and mention the advantages and disadvantages of each for the students.	2: Do you think these strategies helped you improve your speaking skills? How?	3: Mention the procedures that you enjoyed the best, and those that you enjoyed the least, explaining why.	4: Finally make any suggestions you might have regarding the procedures used during the research.
Questions				
Al. 1	Eu gostei muito principalmente do videotape, porque pude ver o meu desempenho e fazer correções.	Ajudou muito, especialmente o desempenho oral.	Eu gostei mais da gravação da conversa com os nativos, pois eu não pensei que pudesse dialogar e ainda ser gravado.	-----
Al 2	It's nice. Try to make we speak.	Yes. Increase your vocabulary.	The talking, because we met new people	I don't have any suggestions.

			and increase your vocabulary.	
Al 3	Acho que a pesquisa poderia ter sido diferente, melhor planejada. Todo o nosso período foi voltado para esse trabalho.	Sim. Escrevíamos mais diálogos e as conversas com os estrangeiros eram interessantes.	Preferi as filmagens. Com relação as conversas, eram interessantes.	-----
Al 4	Eu acho que o programa ajudou, mas acabamos perdendo aulas.	Eu acho que fez diferença, mas conversamos muito pouco com os estrangeiros.	As filmagens ajudaram mais porque nós vimos nós mesmos, podendo corrigir os erros.	Não tenho sugestões.
Al 5	Eu achei ... que haveria uma maneira melhor de fazer, como trazer os americanos para a sala, todos conversarem, pois um a um fica mais difícil a comunicação. Acho também que atrapalhou um pouco.	Sim, pois é uma boa oportunidade para treinar o inglês...	Achei melhor a filmagem e pior a conversa com os nativos...	-----
Al 6	A estratégia usada poderia ter sido melhor, poderíamos ter tido um maior entrosamento entre brasileiros e estrangeiros para ficarmos mais à vontade com eles.	Sim, me ajudou a falar melhor. A oportunidade de conversar com estrangeiros foi ótima.	Conversar com os estrangeiros foi melhor. Conversar com eles me ajudou muito.	-----
Al 7	Eu acho que poderiam ter preparado melhor a gente. Ter interagido antes os estudantes com os estrangeiros foi bom para podermos aprender mais e conversar com os nativos, mas atrapalhou	Ajudou a melhorar a fala do inglês, mas por outro lado, atrapalhou as aulas e, assim, piorou minha gramática.	O melhor procedimento eu acho que foi a conversa, pois ajudou a me soltar um pouco mais.	Acho que deveria preparar melhor os alunos e não atrapalhar tanto a aula.

	o período de inglês e as aulas.			
Al 8	I liked to talk to native speakers because it's a nice way for us to learn English. It was a very good strategy but some people that are shy had problems with it. Although it was very good.	Yes, now I know better how to speak some words and I improved my vocabulary.	The tapes that were used in the conversations were more effective than the video that was recorded (our presentations).	I don't have any in mind but I believe that the tape is the best method.
Al 9	I didn't like very well. I didn't like the videotaping but the conversation was good.	Yes, we learned the vocabulary and pronunciation.	I enjoyed the best the conversation and the least the recording.	The conversation with the North American people.
Al 10	Um pouco cansativo.	Um pouco.	Conversar com os nativos.	Repeat less times the procedures.
Al 11	It couldn't be better. Talking a lot developed our skills very much and the contact with the native speakers helped a lot, because we could test our understanding of the language.	Yes, training is the best way of improving.	I like a lot the talks we had with the natives speakers although the "Big Brothers" were kind of exhausting.	Repeat less times the procedures.
Al 12	I think the strategies are very good to us because is a opportunity that we have. Mas foi cansativo.	Mais ou menos. Nós aprendemos algumas coisas com os nativos.	I think that talked to natives is the best procedure.	I have no idea.
Al 13	I didn't like to be filmed. I got embarrassed.	Yes, because when you speak and listen English at the same time.	I enjoyed to talk to American natives, it helped a lot to improve.	I think that videotaping is very embarrassing, so I think it could be less used.
Al 14	I think is good. The advantages is you learned more about to	Yes, I learned more about other cultures.	I like to watch my conversations. I don't	I don't know. For me everything was good.

	culture. But something is very boring.		like the class in I learned.	
Al 15	I think it was good because it help us to learn more about how the native speakers use to speak.	Yes, it helped us to learn the natural speaking.	The conversation with the native speakers was pretty good. And the videotaping classes I didn't like.	I have no suggestions, in general it was good.
Al 16	I don't like because in my opinion this strategies disturbed the class.	Yes. Com certeza.	The best = movies because it's more natural to learn.	I think these strategies is most boring.
Al 17	I think the conversations with native people was nice and interesting, and it helped me to see that I need to practice my English.	St 17: Yes.	The best = conversation with native people (interesting) The least= This questionnaire (boring).	More conversations.
Al 18	I like. It's really nice to have something new every class.	Yes, listening music or watching movies, we are learning how the Americans speak new expressions.	Best = movies and conversations 12 Least = The stereo should be fixed. We had some problems with it.	-----
Al 19	Foi muito bom. Os vídeos e as músicas são excelentes meios de aprendizagem, pois proporcionam maior interesse pela língua se ficar monótono.	Sim, porque observamos melhor a pronúncia.	Os filmes e músicas são os melhores. Os <i>tapes</i> dos cursos são os piores. A compreensão não é boa.	Eu gostei das entrevistas e entrevistadores. Não tenho melhores sugestões.
Al 20	Eu gostei. Achei interessante. A vantagem é que a gente se sente "obrigado" a falar o inglês. Se fosse em outras situações (aula normal de inglês)	Sim, porque temos de dar um jeito de falar! A pessoa que está conversando com a gente tem que conseguir	Eu gostei do filme que fizemos e das conversas. Havia dia em que eu não queria falar inglês... mas eu tinha que me esforçar.	Talvez colocar mais pessoas para conversar ao mesmo tempo. Só a gente e o americano faz com

	<p>muitas pessoas por serem tímidas não praticam o inglês. Já na situação de conversa com um americano, não tem como não falar o inglês. E a desvantagem é que nos sentimos inibidos de conversarmos com quem não conhecemos, e o medo de falar errado.</p>	<p>entender o que queremos falar.</p>		<p>que fiquemos inibidos.</p>
Al 21	<p>O recurso de videotape não me incomodou em nenhum momento. Foi interessante encenar uma situação, tendo de improvisar no uso da língua inglesa. Por outro lado, o uso das transparências mostrou-se cansativa, pouco acrescentando à dinâmica da aula.</p>	<p>Com certeza, o contato com estrangeiros foi importante para avaliar o nível do meu aprendizado, visto que não dá para se esconder ou fugir de uma conversa. É preciso pôr em prática o que foi aprendido.</p>	<p>Sem dúvida, a conversação com os estrangeiros foi o que me acrescentou mais. Pude perceber que, mesmo aos trancos e barrancos, algumas vezes, consegui ser compreendido. Em contrapartida, em alguns casos, essa mesma conversação foi inócua, quando alguns dos estrangeiros com os quais tive de conversar se mostraram pouco à vontade.</p>	<p>Uma sugestão que deixaria seria para modificar a forma de abordagem dos voluntários, visto que, por vezes, prejudicava o andamento das aulas – algo que deve ser tratado sempre como prioridade.</p>
Al 22	<p>The strategies were efficient. Videotaping offered opportunity for discuss and improve the understandind about the theme. There is no disadvantages in</p>	<p>Yes, all strategies that were applied during classes helped me improve practical conversation.</p>	<p>videotaping, discussion in group were very important on the learning process.</p>	<p>No suggestions.</p>

	applying this learning source.			
Al 23	I didn't like of the strategies because the videotaping do the students shy. The conversation was important but could be in another hour.	No, I didn't.	The conversation was enjoy and the videotaping I didn't like.	I don't have suggestions.
Al 24	O intercâmbio entre alunos de diferentes nacionalidades permite que seja exercitado o inglês, além de conhecer os costumes de outras partes do mundo.	Sim, improvisar força o vocabulário e faz com que seja necessário utilizar recursos que não usamos em português.	Conversar com pessoas de outros lugares foi interessante, mas apresentar atividades através de câmeras e gravadores atrapalha o desempenho do aluno em relação à atividade comum.	Os diálogos deveriam ser em grupos maiores para melhor desenvolvimento da conversação.
Al 25	Considero que a proposta de conversação foi boa. Porém deveria ter um foco mais centrado nas conversas com os americanos, porque fiquei meio sem assunto para conversar. Os vídeos que gravamos foi uma atividade muito descontraída, mas difícil de preparar devido aos temas.	Acho que a estratégia ajudou no meu aprendizado uma vez que com mais contato com o idioma inglês tenho chance de tentar aprimorar meu vocabulário e meu conhecimento sobre a língua.	Eu gostei de ambos os processos, mas é difícil elaborar o texto para falar no vídeo.	-----

É interessante observar que, quando fazemos uma análise horizontal, ou seja, quando comparamos as respostas do mesmo aluno, verificamos algumas discrepâncias, pois alguns alunos, apesar de terem gostado das estratégias utilizadas e considerado que elas ajudaram no desenvolvimento de suas habilidades orais, acharam, também, que todo o semestre foi voltado para esse trabalho (Aluno 3), como se ele fosse um trabalho à parte e, portanto,

disruptivo. Outros acharam que as intervenções atrapalharam um pouco e que acabaram perdendo aulas (alunos 5 e 4), embora tenham achado, também, que as atividades os ajudaram a melhorar suas habilidades orais. Outros alunos compartilham dessa opinião. O aluno 7, por exemplo, enfatiza que a interação com os falantes nativos o ajudou a aprender mais, *ajudou a melhorar a fala do inglês, mas por outro lado, atrapalhou as aulas*, o que ele menciona duas vezes, acrescentando, ainda, que esse fato piorou sua gramática. Esse aluno também sugeriu que não atrapalhem tanto as aulas. O aluno deixa clara sua crença de que aprender uma língua estrangeira significa aprender gramática. Da mesma forma, os alunos 16 e 21 acham que as estratégias de ensino utilizadas atrapalharam as aulas. O aluno 21, inclusive, enfatiza que as aulas devem sempre ser tratadas com prioridade. É interessante observar que um aluno (aluno 23), apesar de ter a opinião de que as conversas com os falantes nativos foram importantes, também acha que elas poderiam ter sido em outro momento, o que não faz muito sentido, pois não há outro momento senão o das aulas.

Conclusão

Como podemos ver pelos resultados, a maioria dos alunos considera que se beneficiaram das estratégias e atividades extras de ensino utilizadas durante o desenvolvimento da pesquisa. Mostraram-se receptivos e dispostos a contribuir. Mas os dados também deixam claro que alguns aprendizes ainda estão presos a um padrão rígido de ensino e de aprendizagem, ou seja, aquele em que o professor segue estritamente o livro-texto e não foge das atividades nele apresentadas. Também priorizam o estudo de gramática em detrimento de atividades mais comunicativas, que contribuam, de forma mais significativa, para o desenvolvimento de sua competência comunicativa. Peacock (2001) encontrou resultados semelhantes na sua pesquisa desenvolvida com professores em treinamento sobre crenças a respeito da aprendizagem de segunda língua. Esses professores priorizavam gramática e vocabulário em detrimento de outras atividades mais importantes para a aprendizagem da língua meta. Não investigamos as crenças dos professores das turmas que participaram da pesquisa. Apenas as dos aprendizes. Mas sabemos que professores que apresentam esse comportamento como os da pesquisa de Peacock podem, inconscientemente, influenciar seus alunos, pois, se eles valorizam, acima de tudo, o ensino de gramática e de vocabulário, todas as suas ações serão voltadas para esses níveis. Dessa forma, como poderão

seus alunos ver a importância de atividades mais condizentes com o desenvolvimento da oralidade?

Essas ideias talvez derivem de um sistema de crenças que, provavelmente, vem sendo passado através de gerações e da própria escola. É necessário, pois, que tanto aprendizes como professores sejam informados e atualizados a respeito do que significa aprender uma língua estrangeira e conscientizados da necessidade de interação e, portanto, de atividades mais ricas que possam lhes proporcionar oportunidades para interagirem naturalmente. É necessário que eles sejam conscientizados, também, sobre suas próprias crenças. Entretanto, a conscientização de professores depende, também, dos formadores de professores, pois esses, por sua vez, têm suas próprias crenças que podem influenciar os professores em formação. E, aí, entra o trabalho do professor pesquisador que atua nessa área, não apenas por meio de publicações e de palestras, mas também por meio de cursos de extensão e atualização, enfim, por meio de sua atuação na formação continuada de professores. Acredito que o conhecimento que professores e alunos possam ter sobre suas crenças e do efeito que elas exercem sobre nós pode contribuir para o autoconhecimento e, conseqüentemente, para uma aprendizagem mais bem sucedida. Reconheço que esse processo de conscientização não é uma tarefa fácil, considerando a variedade de causas que determinam nossas crenças, entre elas os fatores de personalidade (RICHARDS; LOCKHART, 1996). Segundo esses autores, “alguns professores têm preferência por um determinado padrão de ensino, organização, ou atividade porque esses estão de acordo com sua personalidade” [...]⁶ (RICHARDS; LOCKHART, 1996, p. 31). Devemos, ainda, considerar o filtro afetivo (KRASHEN, 1985a). Dependendo da crença, esse filtro pode se elevar em certas situações e dificultar o processo de aprendizagem. Resta-nos tentar, estudando, pesquisando e levando em consideração as causas que contribuem para a formação de crenças e tentando dessa forma vislumbrar maneiras de superar esses impedimentos.

Referências

ABRAHAM, R. G.; VANN, R. J. Strategies of two language learners: A case study. In: WENDEN, A.; RUBIN, J. (Ed.). *Learner strategies in language learning*. Londres: Prentice Hall. p. 85-102, 1987.

⁶ *Some teachers have a personal preference for a particular teaching pattern, arrangement, or activity because it matches their personality [...].*

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes. p. 219-231, 2010.

_____. Crenças, pressupostos e conhecimento de alunos professores de língua estrangeira e sua formação inicial. In: ABRAHÃO, M. H. V. (Org.). *Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões*. Campinas: Pontes, Arte Língua, p. 131-152, 2004.

ALLEN, L. The evolution of learner's beliefs about language learning. *Carleton Papers in Applied Language Studies*, v.13, p. 67-80, 1996.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *A cultura de aprender*. Campinas: UNICAMP, 1993.

BARCELOS, A. M. F. A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1995.

_____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*, vol. 7, no. 1, p. 123-156, 2004.

BROWN, P; LEVINSON, S *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. London: Oxford University Press, 1994.

GARBUIO, L. M. Crenças sobre a língua que ensino: foco na competência implícita do professor de língua estrangeira. In: BARCELOS, A. M. F. ; ABRAHÃO, M. H. V. *Crenças e Ensino de Línguas*. São Paulo, Pontes, p. 87-102, 2006.

_____. Revelação e origens de crenças da competência implícita de professores de língua inglesa. 2005. 270 f. (Dissertação de mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas. 2005.

HOLEC, H. The learner as manager: managing learning or managing to learn? In: WENDEN, A.; RUBIN, J. (Orgs.). *Learner strategies in language learning*. London: Prentice Hall, p. 145-156, 1987.

HORWITZ, E. K. Using student beliefs about language learning and teaching in the foreign language methods course. *Foreign Language Annals*, v. 18, n. 4, p. 333-340, 1985.

_____. Surveying students' beliefs about language learning. In: Wenden, A.; Rubin, J. (Orgs.), *Learner strategies in language learning*. London: Prentice Hall International, p. 110-129, 1987.

HORWITZ, E. K. The beliefs about language learning of beginning university foreign language students. *The Modern Language Journal*, v. 72, n. 3, p. 283-294, 1988.

KALAJA, P. Student beliefs (or metacognitive knowledge) about SLA reconsidered. *International Journal of Applied Linguistics*, v.5, n.2, p.191-204, 1995.

KRASHEN, S.D. *The input hypothesis: issues and implications*. London: Longman, 1985a.

LARSEN-FREEMAN, D. Expanding the roles of learners and teachers in learner-centered instruction. In: RENANDYA, W. A.; JACOBS, G. M. (Orgs.). *Learners and language learning*. Singapore: Seameo Regional Language Centre, p. 207-226, 1998.

LEFFA, V. J. A look at students' concept of language learning. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas, n.17, p. 57- 65, 1991.

LYRIO, A. L. L. *A aprendizagem de marcadores pragmáticos: a eficácia da instrução com foco na forma*. Tese de Doutorado. Niterói, UFF, 2009.

MATSUMOTO, K. Helping L2 learners reflect on classroom learning. *ELT Journal*, 50, p. 143-149, 1996.

MILLER, L.; GINSBERG, R. B. Folklinguistic theories of language learning. In: Freed, B. F. (org.), *Second language acquisition in a study abroad context*. Amsterdam: John Benjamins, p. 293-315, 1995.

PAJARES, F. M. *Self-efficacy beliefs in academic contexts: An outline*, 2002. Capturado em 26 de novembro de 2016 de <https://www.uky.edu/~eushe2/Pajares/efftalk.html>.

_____. Self-efficacy beliefs in academic settings. *Review of Educational Research*, v. 66, n. 4, p. 543-578, 1996.

_____. Teacher's beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v. 62, p. 307-332, 1992.

PEACOCK, M. Pre-service ESL teachers' beliefs about second language learning. A longitudinal study. *System*, 29, p. 177-195, 2001.

RICHARDS, J.C. & LOCKHART, C. *Reflective teaching in second language classrooms*. Cambridge University Press, 1996.

RILEY, P. Aspects of learner discourse: why listening to learners is so important. In: ESCH E. (Org.), *Self-access and the adult language learner*. London: Centre for information on language teaching, p. 7-18, 1994.

_____. The guru and the conjurer: aspects of counselling for self-access. In: BENSON, P.; VOLLER, P. (Orgs.), *Autonomy and independence in language learning*. New York: Longman, p. 114-131, 1997.

WENDEN, A. Helping language learners think about learning. *ELT Journal*, v. 40, n.1, p. 3-12, 1986.

_____. What do second-language learners know about their language learning? A second look at retrospective accounts. *Applied Linguistics*, vol. 7, n.2, p. 86-205, 1986a.

_____.How to be a successful language learner: Insights and prescriptions from L2 learners.
In: WENDEN, A.; RUBIN, J. (Orgs.), *Learner strategies in language learning*. London:
Prentice Hall, p. 103-117, 1987.